

As personagens de ficção em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo

Gláucia Maria da Silva Anacleto*

Ciomara Breder Kremsper**

RESUMO

Este artigo estuda as personagens João Romão, Jerônimo, Pombinha e Rita Baiana, do romance **O cortiço** (1890), de Aluísio Azevedo, à luz das teorias científico-filosóficas da época. Analisa-se o comportamento dessas personagens ao longo da narrativa, bem como o que as caracterizam e influenciam suas atitudes.

Palavras-chave: **O cortiço**. Ficção. Personagem.

ABSTRACT

This paper aims to study the characters "João Romão", "Jerônimo", "Pombinha" and "Rita Baiana", from the novel *O cortiço* (1890), written by Aluísio Azevedo, taking into consideration the scientific and philosophical theory from that time. The behavior of those characters is also analyzed throughout the narrative, as well as what characterizes and influences their attitudes.

Keywords: **O cortiço**. Fiction. Characters.

O presente artigo analisa as personagens de ficção João Romão, Jerônimo, Pombinha e Rita Baiana do romance **O cortiço** (1890), de Aluísio Azevedo. Essas personagens são fundamentais para o desenvolvimento do enredo desse romance.

O cortiço, de Aluísio de Azevedo, tem como influência maior o romance **L'Assommoir**, do escritor francês Émile Zola, que prescreve um rigor científico na representação da realidade. A intenção do método naturalista era fazer uma crítica contundente e coerente de uma realidade corrompida. Zola e, neste caso, Aluísio, combatem, como princípio teórico, a degradação causada pela mistura de raças. Por isso, os dois romances

* Graduada em Letras do CES/JF

** Mestre em Literatura Brasileira pelo CES/JF. Professora de língua portuguesa e literaturas correspondentes na Academia de Comércio e no CES/JF.

naturalistas são constituídos de espaços nos quais convivem desvalidos de várias etnias. Esses espaços se tornam personagens do romance. É o caso do cortiço, que se projeta na obra mais do que os próprios personagens que ali vivem.

A personagem é um ser fictício, responsável pelo desempenho do enredo, em outras palavras, é preciso distinguir o ator e o actante. O ator corresponde, grosso modo, às personagens propriamente ditas: seres humanos ou antropomorfizados, investido de atributos, que podem ser identificados com precisão em uma narrativa. Os actantes são conceitos abstratos, dotados de hierarquias metalinguísticas, que só podem ser encontradas em uma estrutura profunda ou permanente, no campo da disposição das palavras na proposição, e não apenas lexemático, ou seja, vocabular.

Certamente na leitura de um romance fica-se com a impressão de uma série de fatos que estão organizados no enredo. Da mesma forma, instintivamente, quando pensamos no enredo, criamos uma imagem das personagens. Assim, refletimos, ao mesmo tempo, sobre a vida que as personagens vivem e enfrentam, em seus destinos que são traçados conforme uma duração temporal, referida a determinadas condições ambientais. As personagens vivem no enredo e ele existe através delas. Enredo e personagens estão unidos de maneira intrínseca, exprimem os intuitos do romance e a visão da vida que decorre dele, os signos e valores que o animam.

O autor naturalista leva a sério os seus atores e sente-se na obrigação de desvendar-lhes a verdade, no intuito positivista de desnudar as suas atitudes comportamentais, privilegiando a verossimilhança. Bosi (2006, p. 170) diz:

Estreitando o horizonte das personagens e da sua interação nos limites de uma factualidade que a ciência reduz às suas categorias, o romancista acaba recorrendo com alta frequência ao tipo e a situação típica: ambos, enquanto síntese do normal e do inteligível, prestam-se docilmente a compor o romance que se deseja imune as tentações da fantasia.

A proposta naturalista é aceitar os fatos tal qual eles se dão aos sentidos do enredo. O fato irreversível cria forma no determinismo, o destino das personagens já está previamente traçado com base no meio em que são criadas. O cuidado supremo com a forma emerge e se nutre do pessimismo que perpassa pela ideologia determinista. Para Alfredo Bosi: "O determinismo

reflete-se na perspectiva em que se movem os narradores ao trabalhar suas personagens. A pretensa neutralidade não chega ao ponto de ocultar o fato de que o autor carrega sempre de tons sombrios o destino de suas criaturas” (BOSI, 2006, p. 172).

Os suportes vivos da ação são constituídos pelas personagens, que constituem os veículos das ideias que povoam uma narrativa. Se fosse didática e possível a análise das personagens deveria proceder sincronicamente com o estudo das sequências narrativas, pois a caracterização das personagens ilumina o sentido da história e vice-versa. “É apenas por clareza de exposição que propomos o estudo das personagens” (D’ONOFRIO, 2004, p. 88).

Ao longo do romance podemos visualizar que o autor usa o cientificismo para enquadrar a referida obra nos moldes do seu tempo. A Revolução Industrial reordenou a economia mundial no século XIX. A industrialização acentuou a distinção entre a burguesia e o proletariado. Os trabalhadores, então assalariados, estavam do outro lado do espectro social. A pobreza tornou-se um problema atrelado à industrialização, uma vez que o sistema de produção multiplicou os sacrifícios a que eram submetidos os trabalhadores. Expulsos do campo pelas máquinas e sem emprego suficiente, vagavam pelos centros urbanos. Assim, a mendicância e a prostituição foram os subprodutos degradantes da sociedade capitalista.

Os textos naturalistas se encontram submetidos à História, bem como as teorias científicas que por eles perpassam. Devem estar adequados ao momento vivido, caso contrário correm o risco de perder a credibilidade, e assim rompem-se as identidades postuladas nesses textos.

Por isso, mais do que emprego dos preceitos do naturalismo, a obra denuncia práticas recorrentes no Brasil em fins do século XIX, ou seja, trata-se de uma alegoria do Brasil. Com o capitalismo incipiente, o explorador vivia muito próximo ao explorado, daí a estalagem de João Romão estar junto aos pobres moradores do cortiço. Ao lado, o burguês Miranda vive em seu palacete com ares aristocráticos e teme o crescimento desse cortiço.

Portanto, encontra-se uma perspectiva social no romance que, segundo Lucas (1985, p. 5) afirma: “A perspectiva social será apanhada toda vez que a personagem ou o grupo de personagens tiver seu destino ligado ao da sociedade global de que faz parte, sob o impulso das forças fundamentais que conferem historicidade às tensões entre indivíduos ou grupos”.

O autor naturalista tinha uma tese a sustentar sua história. A intenção era provar, por meio da obra literária, como o meio, a raça e a história determinam o homem e o levam à total degradação humana, reduzindo esse homem a um mero ser irracional, totalmente comandado pelos seus

instintos animais. Portanto, a obra está a serviço de um argumento. Aluísio se propõe a mostrar que a mistura de raças em um mesmo meio desemboca na promiscuidade sexual, moral e na completa degenerescência. O livro ainda suscita outras questões pertinentes para pensar o Brasil, tais como a imensa desigualdade social e o compromisso da literatura com a construção de uma identidade nacional (HALL, 2004).

Assim, fazer literatura no Brasil, nesse momento, implica construir a nação, uma vez que literatura e nacionalidade possuem relações estreitas diante do caráter periférico do país.

O clássico texto naturalista se volta para a produção de um efeito de tranquilização dos leitores, com a finalidade de estabelecer identidades e continuidades que, sob a ótica deles, não são transparentes. Para se conferir serenidade ao leitor, o caráter ficcional é ocultado e como consequência é carregado de verossimilhança. Pode-se dizer que

Da literatura exige-se fundamentalmente objetividade. A ela caberia "olhar", "enxergar" unidades. Tomá-las como ponto indiscutível e "retratá-las". E fazer com que o leitor receba uma ligeira impressão de realidade; uma tranquilizadora sensação de que se inclui no círculo de uma identidade étnica, cultural e nacional fora de discussão (SUSSEKIND, 1984, p. 98).

O leitor de ficção vai a busca de uma ilusão extra textual e a partir da ficção ele passa ao mundo de ilusão. Tal mundo está matizado de cientificidade e verossimilhança. É nesse ambiente que se situam os textos naturalistas. Assim,

Nem percebidos como pragmáticos, nem como ficcionais, funcionam apenas como garantia e ilusão de um referente e uma identidade unívoca, que os ultrapassa. E que o naturalismo traria à cena da maneira mais minuciosa e fotográfica possível. Para que ao leitor pareça possível enxergar essa pseudo-identidade minuciosidade produzida por um movimento textual, eficiente e rápido como um gesto de um mágico (SUSSEKIND, 1984, p. 9).

As personagens de ficção são de extrema importância para o romance, pois, através delas, o autor fixa conjuntos humanos e faz análise de tipos sociais, representando os indivíduos que fazem parte do estrato social, encarnando os tipos mais representativos, impressionantes e audíveis. Para traçar essa representação focar-se-á, então, na análise das personagens João Romão, Jerônimo, Pombinha e Rita Baiana.

João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu. Porém, o dono da venda faleceu e deixou para ele não só o estabelecimento com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro.

A partir de então, o rapaz atirou-se ao trabalho ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer que enfrentava as mais duras privações, chegando a dormir sobre o balcão do comércio. A comida arranjava mediante quatrocentos réis por dia, com uma quitandeira sua vizinha, chamada Bertoleza.

Ele era de um tipo baixote, socado, de cabelo à escovinha, a barba sempre por fazer, com um eterno ar de cobiça. Almejava mais e mais poder e dinheiro. Conquistou sua ascensão trabalhando, roubando e trapaceando. Havia começado a narrativa recebendo a bodega onde trabalhava como pagamento de vários salários atrasados. Construiu uma estalagem que se multiplicou em tamanho com o passar dos meses. Mas ele ainda não estava satisfeito. O desejo de progredir aflorou em João. Transformou-se em um homem culto e refinado. Assim, modificou toda a estalagem, dantes popularesca, agora aristocratizada. Livrou-se de Bertoleza e pediu a mão da filha do então amigo Miranda.

Sendo assim, João Romão é uma metáfora da burguesia. No início da obra, é pobre e sem luxos, mas ao passo que alcança suas metas torna-se rico e luxuoso, chegando a frequentar teatros e a alta sociedade. É considerada uma personagem redonda, pois ele muda de comportamento à medida que os acontecimentos se desenrolam. Nota-se,

Só tinha uma preocupação: aumentar os bens. Das suas hortas recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria; as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que no entanto gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores. Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular; de reduzir tudo à moeda. E seu tipo baixote, socado de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer, ia e vinha da pedreira para a venda, da venda às hortas e ao capinzal, sempre em mangas de camisa, de tamancos, sem meias, olhando para todos os lados, com seu eterno ar de cobiça, apoderando-se, com os olhos, de tudo aquilo de que ele não podia apoderar-se logo com as unhas (AZEVEDO, 1995, p. 24).

Jerônimo, português de seus 35 a 40 anos, alto, “espadaúdo”, barbas ásperas, cabelos pretos e maltratados caindo-lhe sobre a testa por baixo de

um chapéu de feltro ordinário, pescoço de touro e cara de Hércules, na qual os olhos, todavia, humildes como os olhos de um boi, exprimiam tranqüila bondade.

Chegou ao cortiço indicado para trabalhar na pedreira de João Romão, pois ele sabia calçar pedra, lascar fogo e fazer lajedo. Com isso acabou alugando um quarto para ele e sua esposa Piedade. Esse casal tinha uma filha, porém ela somente visitava os pais aos domingos e dias santos.

O português era marido exemplar, companheiro, dedicado e acima de tudo um pai atencioso. Jerônimo é a metáfora do proletariado imigrante, que se muda em busca de trabalho. Ao ver Rita Baiana, ele se apaixona, larga a esposa e toda a sua vida construída anteriormente.

O português abrazeirou-se para sempre; fez-se preguiçoso, amigo das extravagâncias e dos abusos, luxurioso e ciumento; fora-se – lhe de vez o espírito da economia e da ordem; perdeu a esperança de enriquecer, e deu-se todo, todo inteiro, à felicidade de possuir a mulata e ser possuído por ela, só ela, e mais ninguém (AZEVEDO, 1995, p. 175).

Ele é considerado também uma personagem redonda, pois chega à estalagem digno, fiel, trabalhador e sai adúltero, alcoólatra, assassino. Assim, tem-se a confirmação do determinismo social. Ele foi de fato corrompido pelo meio. Observa-se, ainda, que Jerônimo apresenta duas características: a exposição dos defeitos na personalidade, ou seja, apresenta deturpações mais fortes que a própria personalidade e a visão pessimista, em que a história se desencadeia na decadência física e moral da personagem, ou seja, atira-se à bebida, como se nela encontrasse a solução para seus problemas.

Pombinha era a flor do cortiço. Bonita, loira, muito pálida, possuía modos de menina de boa família. É a metáfora da pretensão burguesa, revelando uma das criações hipócritas da burguesia, que enxergava o casamento como forma de ascensão social.

A mãe não lhe permitia lavar nem engomar, mesmo porque o médico proibira. Tinha seu noivo, João da Costa, homem de futuro, que a adorava e conhecia desde pequena. Porém, D.Isabel não queria que o casamento se fizesse de imediato, pois a filha, orçando pelos dezoito anos, não tinha ainda pago à natureza o cruento da puberdade. No entanto, desse matrimônio dependia a felicidade de ambas, pois Costa era muito bem empregado. Pode-se notar que a educação recebida pela menina era voltada para a vida conjugal, educação tipicamente burguesa.

Muito querida no cortiço, era quem lhe escrevia as cartas, quem

fazia o rol para as lavadeiras, quem tirava as contas, quem lia o jornal para quem quisesse ouvir. Prezavam-na com muito respeito e davam-lhe presentes, o que lhe permitia certo luxo relativo. Andava sempre de botinas ou sapatinhos com meias de cor, vestido de chita engomado, usava jainhas para sair à rua, e aos domingos quem a encontrasse à missa não seria capaz de desconfiar que ela morava em um cortiço.

Léonie, madrinha de Pombinha exerceu forte influência em sua vida. Era uma mulher de procedência francesa, prostituta de luxo e representava o protótipo da mulher pervertida, impura e que deveria ser banida do convívio social, por poder contaminar os que com ela convivessem.

Certo dia Pombinha foi visitar Léonie e ela a seduz. Depois do jogo de sedução, a menina acaba gostando. Pombinha resolveu sair em uma tarde e se tornou mulher, ou seja, a natureza colaborou com ela. Assim, terminou por se casar e mais tarde percebeu que não era a vida que queria para si. Então, na prostituição, encontrou sua plenitude, deixando no passado seu semblante frágil e doente. Ganhou ares de mulher feliz e cheia de vida. Ela aflorou e revelou o aspecto naturalista em sua plenitude.

Nisto, Pombinha soltou um ai formidável e despertou sobressaltada, levando logo ambas as mãos ao meio do corpo. E feliz, e cheia de susto ao mesmo tempo, a rir e a chorar, sentiu o grito da puberdade sair-lhe afinal das entranhas, em uma onda vermelha e quente. [...] O sol, vitorioso, estava a pino e, por entre a copagem negra da mangueira, um dos seus raios descia em fio de ouro sobre o ventre da rapariga, abençoando a nova mulher que se formava para o mundo (AZEVEDO, 1995, p. 124).

Por meio dessas características percebe-se Pombinha como personagem redonda, pois ela inicia como a menina boa e frágil e termina como a mulher fatal e prostituída, confirmando, assim, o ideal determinista. É usada também para revelar a hipocrisia da sociedade, visto que a personagem e sua mãe encaram o casamento como dever social e não como desejo pessoal. Temos então, na figura dessa personagem a confirmação de um ideal burguês: a mulher é criada para o casamento.

Rita Baiana é a metáfora da mulata brasileira. É uma personagem totalmente naturalista, pois é comandada inteiramente pelos seus instintos biológicos. Tinha uma cabeleira crespa e reluzente. Toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Possuía fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador. Mulher de um rebolado contagiante sabia saracotear o atrevido

e rijo quadril baiano:

[...] ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traioeira, a lagarta viçosa, a muriçoca doida, [...] (AZEVEDO, 1995, p. 73).

Era lavadeira, mas fazia o serviço quando queria. Ficava longos períodos longe da estalagem. É considerada uma personagem plana, porque mantém a mesma linha comportamental do início ao fim do enredo, ou seja, não tinha preocupações e comprometimento com nada na sua vida. Foi a responsável pela separação de Jerônimo e Piedade. Rita e Jerônimo tinham somente felicidade sexual, o que o levou ao declínio pessoal e moral. Rita encarna uma das principais características da obra que é a exacerbação do sexo, inspirada pela perspectiva evolucionista de Darwin. A personagem naturalista surge, então, impulsionada por desejos de ordem sexual que, não raro, ultrapassam sua racional capacidade de controlá-los. Ela reproduz o estereótipo da mulata brasileira e é construída como uma personagem plana para não alterar a identidade nacional.

Da análise realizada, conclui-se que as personagens são caracterizadas pelas concepções evolucionistas, determinista, positivista e socialista. É importante ressaltar que a vida no cortiço, bem como o próprio cortiço são, por excelência, o enfoque das atenções naturalistas.

A literatura de tese tem como alvo a apresentação das mazelas sociais. Assim, é fundamental ressaltar que o autor exemplifica o cortiço como o próprio protagonista. Pode-se notar isso na seguinte passagem: "Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas" (AZEVEDO, 1995, p.35). Todavia o cortiço encarna o ambiente que molda e condiciona os processos individuais e sociais. Ele é de fato uma identidade coletiva e que reproduz de forma determinista a influência do meio.

Aluísio analisou cientificamente a conduta das personagens por meio de fatores sociológicos e biológicos que condicionariam a vida humana. As personagens emergem como produto de forças superiores à sua personalidade, por isso não há aprofundamento psicológico. Elas se comportam como tipos sociais.

Tem-se, então, o Determinismo estruturado por Taine, que parte do princípio de que o comportamento humano é determinado por três aspectos básicos: meio, raça e momento histórico. O Positivismo, criado por Comte, partindo do princípio de que o único conhecimento válido é o positivo, isto é, oriundo das ciências. Tal teoria tem como lema: "Ordem e progresso".

Assim, pode-se dizer que o cortiço era de fato um cortiço, por não haver nele ordem. Portanto, não haveria progresso. O Darwinismo, teoria da seleção natural, ou seja, os mais fortes sobrevivem e procriam, e os mais fracos são eliminados antes de exercerem a procriação. Esses fatores restringem suas atitudes, tornando-as condicionadas ao meio em que estão inseridas e à sua hereditariedade. Por fim, o meio social e natural influenciam a todo instante o comportamento das personagens e as definem.

Logo, no romance, pode-se visualizar a faceta mais completa do naturalismo. É no cenário do cortiço que se testemunhou o cruzamento das raças, da sexualidade explosiva, da violência e da exploração humana. Assim, há a confirmação de uma identidade nacional, o brasileiro como sendo esse ser misto e híbrido. Essa identidade salta aos olhos do leitor. O autor expõe, ao máximo, tragédias, acidentes e brigas sangrentas chegando a ser exagerado e enaltecido. Enfim, a obra representa a realidade nua de que o leitor não é poupado.

Pode-se dizer ainda que, além de empregar os preceitos naturalistas, a obra é também uma alegoria do Brasil, pois o intuito do romancista era provar, por meio da obra literária, o modo como o meio, a raça e a história determinam o homem, levando-o a degradação. Essa degenerescência é confirmada na construção das personagens e em seu comportamento.

Artigo recebido em: 20/8/2009

Artigo aceito para publicação em: 28/9/2011

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Alúcio. **O cortiço**. 28. ed. São Paulo: FTD, 1995.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida et al. **Personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

D'ONOFRIO, Salvatore. Elementos estruturais da narrativa. In: _____. **Teoria do Texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 53-104.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LUCAS, Fábio. **O caráter social da ficção do Brasil**. São Paulo: Ática, 1985.

MANUAL de normas e orientações de pesquisa do CES/JF: construção e comunicação do saber. Juiz de Fora: Centro de Pesquisa-CES/JF, 2006.

SUSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.